

T D	Aluno (a):			Nº
	Série: 6º	Turma:	Disciplina: Redação	Data: 17/02/2021
	Avaliação:	Professor: Mirella	Etapa: 1ª Etapa	

Crônica

A crônica é um gênero textual muito presente em jornais e revistas. Em geral, os assuntos abordados em textos desse tipo são voltados ao cotidiano das cidades – a crônica pode ser entendida como um retrato verbal particular dos acontecimentos urbanos. Os bons cronistas são aqueles que conseguem perceber, no dia a dia de suas vidas, impressões, ideias ou visões da realidade que não foram percebidas por todos. Embora não seja uma regra, as crônicas costumam tratar de assuntos mais leves e de um modo humorístico.

Características da crônica

Por tratar de assuntos cotidianos e factuais, a crônica tem “vida curta”. O assunto em pauta hoje não será o mesmo de amanhã, aspecto similar ao jornalismo, visto que ambos buscam inspiração nos acontecimentos do dia a dia.

Com uma linguagem simples, a crônica relata de forma diferenciada as ocorrências, seja de forma artística, em tom crítico ou com humor.

Veja suas principais características:

- ✚ É escrita em textos curtos;
- ✚ Possui linguagem despojada e simples (linguagem coloquial);
- ✚ Narra situações do cotidiano;
- ✚ Narrada em 1ª ou 2ª pessoa.



Tipos de crônica

Existem diversos tipos de crônicas – desde as apenas narrativas, passando pelas crônicas jornalísticas até chegar em crônicas poéticas, que flertam com o literário.

Vamos conhecer alguns desses tipos!



Crônica narrativa - A crônica narrativa conta uma história ficcional e é aquela que contém apenas elementos da narração em sua estrutura, ou seja, que apresenta personagens, diálogos, tempo, espaço e enredo. Nessas crônicas, não há longos trechos reflexivos ou argumentativos, como é comum naquelas publicadas em jornais. O assunto da crônica narrativa é, em via de regra, um tema vinculado ao cotidiano das cidades. Veja a seguir:

A Outra Noite (trecho) - Rubem Braga

Outro dia fui a São Paulo e resolvi voltar à noite, uma noite de vento sul e chuva, tanto lá como aqui. Quando vinha para casa de táxi, encontrei um amigo e o trouxe até Copacabana; e contei a ele que lá em cima, além das nuvens, estava um luar lindo, de lua cheia; e que as nuvens feias que cobriam a cidade eram, vistas de cima, enlazaradas, colchões de sonho, alvas, uma paisagem irreal.

Depois que o meu amigo desceu do carro, o chofer aproveitou o sinal fechado para voltar-se para mim:

-O senhor vai desculpar, eu estava aqui a ouvir sua conversa. Mas, tem mesmo luar lá em cima?

Confirmei: sim, acima da nossa noite preta e enlazarada e torpe havia uma outra - pura, perfeita e linda.

Crônica jornalística - A crônica jornalística pode ser caracterizada como um gênero que mistura fragmentos narrativos – em geral, pequenos fatos cotidianos são contados para, em seguida, promover-se uma reflexão sobre eles – e trechos mais longos de reflexão e argumentação sobre o fato narrado. Por ser publicada em jornais, é esperado que o tema da crônica jornalística seja de interesse de um grupo social e não apenas do próprio cronista. Normalmente, os principais acontecimentos do dia ou da semana anterior são os assuntos redigidos nas crônicas jornalísticas.

O EICHMANN DO APITO (trecho) – Nelson Rodrigues

Amigos, vencemos o Chile*.

[...]

Mas aí é que está. O Brasil estava só, mas tinha Garrincha. Feliz do povo que pode esfregar um Garrincha na cara do mundo! E o Mané, com suas pernas tortas e fulgurantes, com o seu olho rútilo e também torto, pôs os Andes de gatinhas, ou de cócoras, sei lá. Quando ele enfiou um gol e depois outro, isso aqui foi, como diria um orador de gafeira, foi uma pátria constelada de garrinchas.

* Brasil 4x2 Chile, 13/6/1962, em Santiago, pelas semifinais da Copa do Mundo

Crônica humorística - Uma das marcas das crônicas narrativas e jornalísticas é, em geral, ter um enfoque humorístico acerca das cenas e acontecimentos cotidianos. Para atingir esse grau de comédia, cada cronista adota um estilo particular – há aqueles que usam da ironia para marcar sua linguagem, há outros que abordam assuntos cômicos por natureza, ou ainda os cronistas que constroem discursos engraçados por meio de associações inusitadas.

A volta - Luis Fernando Veríssimo

Da janela do trem o homem avista a velha cidadezinha que o viu nascer. Seus olhos se enchem de lágrimas. Trinta anos. Desce na estação – a mesma do seu tempo, não mudou nada – e respira fundo. Até o cheiro é o mesmo! Cheiro de mato e poeira. Só não tem mais cheiro de carvão porque o trem agora é elétrico. E o chefe da estação, será possível? Ainda é o mesmo. Fora a careca, os bigodes brancos, as rugas e o corpo encurvado pela idade, não mudou nada.

O homem não precisa perguntar como se chega ao centro da cidade. Vai a pé, guiando-se por suas lembranças. O centro continua como era. A praça. A igreja. A prefeitura. Até o vendedor de bilhetes na frente do Clube Comercial parece o mesmo.

– Você não tinha um cachorro?

– O Cusca? Morreu, ih, faz vinte anos.

O homem sabe que subindo a Rua Quinze vai dar num cinema. O Elite. Sobe a Rua Quinze. O cinema ainda existe. Mas mudou de nome. Agora é o Rex. Do lado tem uma confeitaria. Ah, os doces da infância... Ele entra na confeitaria. Tudo igual. Fora o balcão de fórmica, tudo igual. Ou muito se engana ou o dono ainda é o mesmo.

– Seu Adolfo, certo?

– Lupércio.

– Errei por pouco. Estou procurando a casa onde nasci. Sei que ficava ao lado de uma farmácia.

– Qual delas, a Progresso, a Tem Tudo ou a Moderna?

– Qual é a mais antiga?

– A Moderna.

– Então é essa.

– Fica na Rua Voluntários da Pátria.

Claro. A velha Voluntários. Sua casa está lá intacta. Ele sente vontade de chorar. A cor era outra. Tinham mudado a porta e provavelmente emparedado uma das janelas. Mas não havia dúvida, era a casa da sua infância. Bateu na porta. A mulher que abriu lhe parecia vagamente familiar. Seria...

– Titia?

– Puluca!

– Bem, meu nome é...

– Todos chamavam você de Puluca. Entre.

Ela lhe serviu licor. Perguntou por parentes que ele não conhecia. Ele perguntou por parentes de que ela não se lembrava. Conversaram até escurecer. Então ele se levantou e disse que precisava ir embora. Não podia, infelizmente, demorar-se em Riachinho. Só viera matar a saudade. A tia parecia intrigada.

– Riachinho, Puluca?

– É, por quê?

– Você vai para Riachinho?

Ele não entendeu.

– Eu estou em Riachinho.

– Não, não. Riachinho é a próxima parada do trem. Você está em Coronel Assis.

– Então eu desci na estação errada!

Durante alguns minutos os dois ficaram se olhando em silêncio. Finalmente a velha pergunta:

– Como é mesmo o seu nome?

Mas ele estava na rua, atordoado. E agora? Não sabia como voltar para a estação, naquela cidade estranha.

Atividades

Agora que aprendemos sobre os aspectos da crônica e como elas podem se caracterizar, leia o texto e responda às atividades:

A outra noite

Outro dia fui a São Paulo e resolvi voltar à noite, uma noite de vento sul e chuva, tanto lá como aqui. Quando vinha para casa de táxi, encontrei um amigo e o trouxe até Copacabana; e contei a ele que lá em cima, além das nuvens, estava um luar lindo, de Lua cheia; e que as nuvens feias que cobriam a cidade eram, vistas de cima, enluaradas, colchões de sonho, alvas, uma paisagem irreal. Depois que o meu amigo desceu do carro, o chofer aproveitou um sinal fechado para voltar-se para mim:

– O senhor vai desculpar, eu estava aqui a ouvir sua conversa. Mas, tem mesmo luar lá em cima? Confirmei: sim, acima da nossa noite preta e enlameada e torpe havia uma outra - pura, perfeita e linda.

– Mas, que coisa. . .

Ele chegou a pôr a cabeça fora do carro para olhar o céu fechado de chuva. Depois continuou guiando

mais lentamente. Não sei se sonhava em ser aviador ou pensava em outra coisa.

– Ora, sim senhor. . .

E, quando saltei e paguei a corrida, ele me disse um "boa noite" e um "muito obrigado ao senhor" tão

sinceros, tão veementes, como se eu lhe tivesse feito um presente de rei.

(BRAGA, Rubem. A outra noite. In: PARA gostar de ler: crônicas. São Paulo: Ática, 1979.

.Disponível em: <http://meucantinhodesugestes.blogspot.com/2014/02/o-cenario-onde-os-acontecimentosse.html> Acesso em 24 de març 2020

1ª) Quem é o autor dessa crônica?

2ª) Como era a noite vista pelo taxista e pelo amigo do narrador?

3ª) Como era a noite para o narrador?

04. Considerando a maneira como é narrada, a reação do taxista (no final), pode-se inferir que ele ficou:

- a) () sensibilizado com a conversa
- b) () curioso por mais informações.
- c) () agradecido com o presente.
- d) () desconfiado com o pagamento

05. A outra noite a que o título se refere seria a vista somente pelo narrador ou aquela que o taxista e seu amigo enxergavam?

06. Para você, o que faz com que diferentes personagens vejam diferente noites?

07. Esta crônica é mais narrativa ou jornalística? Por quê?

08. Que fato do cotidiano a crônica que você leu explora?

09. Nesse texto, o narrador é personagem? Justifique sua resposta copiando um trecho do texto.

Bom estudo!